**PODER, AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE FOUCAULT, FREIRE E A SALA DE AULA**

Alison Aguiar de Amorim (UERJ/FFP)

Ana Carolina Rocha da Silva (UERJ/FFP)

**Resumo**

O texto em tela busca considerar as perspectivas de Qvortrup (2013) e Rocha (2004) sobre o conceito de criança e infância no contexto escolar, aliando-as às ideias de Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (2005) e ao conceito de microfísica de Foucault (1979). Este trabalho surge da necessidade de repensar o autoritarismo do professor em sala de aula, e busca explorar alternativas para construir um ambiente educacional mais inclusivo, onde a voz dos alunos também seja valorizada, promovendo a participação ativa, o diálogo e a colaboração.

**Palavras-chave**: Criança-infância; Sala de aula; Autoridade; Diálogo.

O presente texto é composto por duas pesquisadoras graduandas do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/ FFP), sendo uma bolsista do grupo de pesquisa Oficina de Formação Inventiva de Professores (OFIP)[[1]](#footnote-0), e outra bolsista do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre infâncias e Educação Infantil (COLEI)[[2]](#footnote-1), ambos sendo da UERJ/FFP. O texto nasce entre as vivências das estudantes em suas bolsas de pesquisa, sendo elas, respectivamente, de Iniciação Científica, desenvolvida em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) do município de São Gonçalo–RJ, e de Iniciação à Docência, desenvolvida em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) do município de Niterói–RJ.

Temos como objetivo trabalhar a concepção de “criança” e “infância” para pensar a dinâmica social da sala de aula, articulando com os textos de Qvortrup (2013), que discorre sobre como o lugar social da criança e da infância mudou através dos séculos, tirando-a da caracterização de “adulto em miniatura”, para o entendimento de que ela é uma pessoa completa, “um fenômeno social” que reage, interage e ajuda a compor a cultura a sua volta. Os estudos de Rocha (2004) nos ajudam a refletir e indagar uma pedagogia pensada apenas para crianças e não com elas, que influencia a composição de uma sala de aula que reforça os padrões disciplinares e de autoritarismo por parte do professor. Assim, buscamos em primeira instância compreender como se caracteriza esses conceitos, para só então abordar como podemos relacioná-los à liberdade e a expressão de ideias da criança dentro de sala de aula, dialogando com os diários de campo[[3]](#footnote-2) trazidos pelas bolsistas.

Dessa forma, nos baseamos no conceito de “microfísica” (Foucault, 1979), para repensar a relação hierárquica entre professor e estudante. Buscamos, também, utilizar o trabalho de Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (2005), para pensarmos outras realidades, e assim, convergir ambos os saberes, aqueles que partem do capital cultural infantil (Bourdieu, 1977) e aqueles que emergem da experiência do educador.

Para falar do lugar da criança na sociedade, utilizaremos o trabalho de Qvortrup (2013) para delimitar em qual momento a criança deixa de ser vista como “um adulto em miniatura” e passa a ser vista como “um adulto em potencial”. Por um lado, mesmo que sejamos capazes de perceber a criança como um ser de direitos, de vontades e de singularidade, ainda não somos capazes de compreender a criança como um ser inteiro que, mesmo que ainda há de crescer e aumentar suas percepções e vivências de mundo, já possui sua própria cultura, história e realidade, sem precisarmos esperar que ela vire “adulto” para ser considerado um ser concreto.

Segundo Qvortrup (2013), no contexto da era medieval, as crianças possuíam a liberdade e a vivência proveniente da maioridade, isto é, tinham os direitos legais de exercer cidadania como um “adulto em miniatura”. Em outras palavras, podemos dizer que neste primeiro momento, ainda não existia uma compreensão do que é “criança”, logo não seria possível determinarmos o que é “infância” também. Com a chegada do pós-modernismo, é graças aos movimentos de grupos sociais ativistas, como o movimento feminista e o surgimento de pensadores da filosofia e sociologia voltados para a infância, que estas se tornam uma área de pesquisa e uma categoria social. Dessa forma, entende-se que a criança possui necessidades específicas para o seu desenvolvimento e que, por ser vista cada vez mais como um ser vulnerável, deve ser protegida. Mas para além, é vista como aquilo que ainda seria: um adulto em potencial, colocando-a à margem da sociedade.

Já na contemporaneidade, tomando como base as ideias de Rocha (2004), em nossa “[...] sociedade centrada no adulto, a criança é promessa e potencialidade, uma condição a ser ultrapassada, e o adulto (educador) se relaciona portanto, com um futuro adulto e não com uma criança concreta (Rocha, 2004, p. 4)”. Então, o que é ser criança? Narrativas históricas e produções científicas vão nos dizer que ora um pequeno adulto, ora um anseio pelo adulto que se tornará, mas, geralmente, não apenas uma criança.

Dentro de seu trabalho, Rocha (2004) disserta que a pedagogia funciona como uma espécie de faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ela é pautada numa pedagogia que enxerga a infância como algo belo e angelical a ser preservado, por outro lado ela também possui traços autoritários que buscam controlar as rédeas dessa infância dentro da sala de aula usando do autoritarismo para implementar as regras das dinâmicas de poder existentes na sociedade. Se enxergamos somente a beleza do infantil ou a criança como um alguém vazio que necessita das orientações de um ser superior, nesse caso o educador, estaremos sujeitos a corroborar com ideais que violam os direitos desse público.

Como docentes em formação, indagamos: Nós, professores, temos concebido uma educação que dá lugar para que nossos estudantes possuam voz, ou estamos construindo uma educação que, assim como os conceitos anteriores, reduzem à criança uma mera projeção da vontade e autoridade adulta? É isso que buscaremos debater no presente texto, utilizando os diários de campo das bolsistas em diálogo com Foucault para pensar essas questões dentro da sala de aula.

Ao considerarmos a relação hierárquica que ocorre dentro da sala de aula, estabelecemos o professor como a autoridade máxima daquele espaço, que dá a palavra final em todas as decisões. E, mesmo quando pensamos estar livres desse tipo de relação, quando há situações de estresse e de recusa por parte da turma, recorremos a um autoritarismo disfarçado de autoridade. Relacionamos esta estrutura escolar com aquilo que Foucault (1979) denomina como micropoder, tendo compreendido que este, embora seja um exercício de poder menos perceptível, possui uma ação direta sob os indivíduos, pois ele funciona através das relações, tutelando e disciplinando os corpos, construindo uma sociedade disciplinar.

Seguindo este pensamento, trazemos o fragmento do diário de campo de uma das bolsistas, em uma turma da oficina de teatro de um CIEP localizado em São Gonçalo–RJ, que contém crianças do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental:

*“[...] tentei sobressair minha voz ao volume das conversas paralelas para passar a primeira atividade do dia [...] recebi como resposta desânimo e dispersão. Muito rapidamente, os estudantes começaram a reclamar, outros diziam não querer participar dessa atividade em específico, alguns tentavam incentivar suas duplas no que fazer mas também obtinham respostas negativas, outros se inundavam de vergonha. Tentei ao máximo ir de dupla em dupla auxiliá-los com possíveis ideias para se pensar ou com motivações. [...] Mas ninguém queria iniciar as apresentações. O tempo passava e a cada comando que eu dava para que qualquer um deles fosse, não surtia efeito algum. Me fazendo recorrer a um autoritarismo inconsciente (ao menos no momento do ato) que foi a única maneira de resolver o impasse naquele instante de desespero […].”* (Rocha, Ana Carolina, Diário de Campo Pessoal, 03/04/24)

É importante dizer que os sentidos produzidos com as escritas de diário, colocam-nos em relação direta em sala de aula e também com uma dimensão afetiva que nos toca, nos força a pensar nas relações de poder, especialmente quando há momentos em que os estudantes se recusam e não se interessam em fazer a atividade proposta pelo docente. Nosso intuito com esta pesquisa não é questionar ou contribuir com a desvalorização do saber docente, mas questionar o que temos feito e o que com o feito, podemos transformar nesse espaço.

Pensando nisso, buscamos trazer o relato da outra bolsista narrada em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental em uma UMEI de Niterói–RJ, para falarmos sobre como o profissional da educação pode lidar com esta recusa e com a possibilidade de outras experiências que partem das próprias crianças:

*“[...] Quando a aula de artes acabou, seguimos para a sala, e as crianças me pediram para desenhar um papai-noel, já que o natal está se aproximando. Concordei, e gostei muito da ideia e da iniciativa deles de me pedirem um desenho assim, de maneira tão espontânea. Peguei rapidamente um desenho do meu acervo, e fiz no quadro. [...] Desenhei um embrulho de presente a pedido deles também [...] reparei que além de desenharem o presente, algumas crianças também desenharam a árvore, e eu sempre me impressiono com a capacidade criativa delas depois de serem provocadas com alguma atividade.”* (Amorim, Alison. Diário de Campo Pessoal, 08/11/2023).

Quando, como professores, nos dispomos a sair do lugar de poder e hierarquia, para que, desde o momento inicial, possamos construir com nossos estudantes um ambiente acolhedor e seguro para que estes se sintam livres para participar, estamos promovendo uma educação pautada no respeito, e não pelo medo, pelo receio e principalmente, apenas pela própria obrigação de se estar presente.

Ao entendermos como se dão os processos de hierarquia da sala de aula utilizando os diários de campo para ilustrar a realidade presente dentro dela, ficam as questões: O que fazer para tornar a escola um lugar acolhedor, onde as relações de poder não tendem a prevalecer e sim, o diálogo respeitoso entre estudante e educador? Para tal, norteamos possíveis caminhos a partir das ideias trabalhadas por Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (2005).

Freire nos proporciona alternativas para transformar essa realidade, e assim, encontramos no diálogo uma possível aposta para uma sala de aula mais diversa e não tão focada na autoridade do docente. Vemos na comunicação uma valiosa oportunidade para o processo educativo, pois somente o diálogo entre professores e alunos, somente a troca de experiências, poderá nos fazer ver a pluralidade da nossa sociedade. Em um contexto opressor, na qual as pessoas são coagidas a serem silenciadas e terem que se tornar submissas aos detentores do poder, dar a segurança da fala aos estudantes é ensinar que eles possuem o direito de se expressar e formar opiniões próprias, logo, o educador deve buscar uma transformação no contexto social.

Concluímos então os nossos anseios e expectativas com o presente trabalho, que se deu pela vontade de compreender como a criança é socialmente vista, e como isso poderia ser relacionado e atribuído a sala de aula e as relações professor-aluno. Buscamos deixar como possibilidade para futuros profissionais da educação e profissionais já atuantes da área, a importância de fazer mover um campo de relação de forças entre a liberdade do aluno dentro de sala de aula, de ser um sujeito que tem sua cultura própria e sua própria perspectiva, com os deveres de ser docente. Acreditamos que um caminho possível para tal é adotarmos uma abordagem que articula Michel Foucault e Paulo Freire.

**REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. Cultural reproduction and social reproduction Jn: KARABEL, I., HALSEY, A H. Power and ideology in education. New York: Oxford University, 1977. p.487-511

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, politica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17º ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2005.

QVORTRUP, Jens. (2014). Visibilidades das crianças e da infância. Linhas Crí­ticas, 20(41), 23–42. <https://doi.org/10.26512/lc.v20i41.4250>.

ROCHA, Eloisa Acires. Crianças e Infâncias: uma categoria social em debate. **Zero-a-Seis.** n. 9, v. 06, p. 15-20, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/10152>. Acesso em: 23/05/2024.

1. Grupo de pesquisa da UERJ-FFP coordenado pela professora titular Rosimere de Oliveira Dias. [↑](#footnote-ref-0)
2. Grupo de pesquisa da UERJ-FFP coordenado pela professora adjunta Heloísa Josiele Carreiro dos Santos. [↑](#footnote-ref-1)
3. Utilizamos o método de escrita de diários de campo baseado na obra de Foucault, “Ética, sexualidade e politica” (2004). [↑](#footnote-ref-2)